

Patrimônio Bahia apresenta:

# CENTRO HISTÓRICO EM AÇÃO

Diálogos

O evento virtual **Uma Conversa com a Comunidade** reuniu representantes de vários setores que atuam na região

### SOLUÇÃO CASEIRA

A falta de crença na mão de obra criada e formada na região incomoda as lideranças. "Queremos que a luta seja reconhecida. Que os nossos projetos sejam continuados e feitos. Fizemos cursos de capacitação no Senac, temos um centro tecnológico, tudo isso para permanecer aqui e ter mais oportunidades", contou Pró Gecilda.

A educadora ainda afirmou que está cansada de ver a conversa não se transformar em mudanças reais para a comunidade, que já foi alvo de muitos estudos. "O produto dessa conversa vai ser só mais um livro? Outra pesquisa? Queremos que os nossos anseios sejam ouvidos em um diálogo permanente e que tudo saia do projeto para uma realidade", disse.

Viviam reforçou que quem vive no Centro Histórico tem a capacidade necessária para fazer parte de projetos que otimizem a região, principalmente na questão cultural. "Cansamos de ser fonte, a gente não quer ser fonte de pesquisa. Somos uma comunidade altamente habilitada, academicamente ou não, para fazer a gestão, isso precisa ser dito. Não precisamos de técnicos, nós buscamos as ferramentas e sempre a tivemos", afirmou.

### PROJETO PARTICIPATIVO

Quem apoia a inserção da comunidade dentro dos projetos de revitalização e fomento à cultura no CHS é Tânia Scofield, presidente da Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF). Ela assina a coordenação técnica do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) do Município do Salvador /2016. "Como princípio, eu não entendo fazer nenhum projeto para cidade que não seja discutido com a comunidade. Se o projeto é para uma comunidade específica, tem que ser discutido com ela. Porque quem vive, conhece, mora e trabalha tem ciência do cotidiano dali. O projeto precisa unir saber técnico e o saber da vivência", disse.

Para Tânia, essa colaboração precisa estar em todos os âmbitos. "No meu entendimento, isso é fundamental. E, quando falo de participação e construção coletiva, quero dizer uma participação em todas as etapas para que moradores estejam presentes, discutam, entendam, opinem e contribuam para o projeto", concluiu.

Os encontros virtuais como o Uma Conversa com a Comunidade fazem parte do projeto Centro Histórico em Ação - Diálogos.

\*COM ORIENTAÇÃO DA SUBCHEFE DE REPORTAGEM MONIQUE LÓBOONO



REPRODUÇÃO

# Os anseios de quem conhece bem o Centro

**Lideranças** defendem mais participação nos projetos públicos pensados para a região

### Wendel de Novais\*

REPORTAGEM  
wendelnovais@redabahia.com.br

Políticas públicas que viabilizem moradia digna de quem reside no Centro Histórico de Salvador, segurança, saúde e educação para a região e um diálogo permanente entre quem pensa projetos para o local e quem está lá para realizá-los. Esses foram os principais pedidos feitos ontem no evento virtual Uma Conversa com a Comunidade, que discutiu os desafios da ocupação urbana e da moradia na região. Promovido pelo Instituto ACM e pela Associação do Centro Histórico Empreendedor (ACHE), o encontro reuniu lideranças comunitárias e terá outras três edições, nos dias 16, 23 e 30 de setembro.

No primeiro dia de conversa, ficou claro os anseios das lideranças por políticas que pensem o Pelourinho e entorno sem descuidar dos seus moradores. A jornalista Viviam Caroline, atual assessora especial na Secretaria de Políticas para as Mulheres e uma das fundadoras da banda e projeto social Didá, destacou a necessidade de que os passos para o futuro do Centro sejam dados com quem

mora lá como prioridade.

"O Centro Histórico foi mantido à custa da vida, do suor e da criatividade das pessoas pretas que ficaram. Porque com o crescimento da cidade, o êxodo de famílias para outras regiões e o abandono da região, quem ficou foi uma população que trabalhou e lutou pela vida aqui. E são essas pessoas que vivem hoje sem política pública, sem a atenção devida", refletiu.

### MORADIA GARANTIDA

Além de Viviam, outras três lideranças da comunidade participaram do debate: Jussara Santana, coordenadora da Associação Cultural Aspiral do Reggae; Maura Cristina, militante do movimento de mulheres negras da Bahia, integrante da Articulação Centro Antigo Salvador e coordenadora estadual do Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB); e Pró Gecilda, educadora e presidente da Associação de Moradores (Amac).

Entre elas, um pleito em comum: a garantia de permanência dos moradores que lá vivem e convivem com o medo de ter que deixar suas casas do dia para a noite, como explica Maura Cristina. "As pessoas não podem viver em sua casa com medo que um oficial de justiça apareça, a qualquer momento, para a retirada. Não

dá pra dialogar sem pensar na permanência dos moradores. Estamos falando de moradia, mas também de uma história e uma ligação de um povo que pertence a esse território", disse.

Ainda segundo Maura, há a necessidade de evitar a gentrificação da região. "A gente precisa olhar para esse 'revitalizar' que gentrifica. Como revitalizar onde já existe gente? Precisamos rever isso. Quem vai morar? Sempre ouvimos que é para funcionário público, pra quem ganha R\$ 4 mil. Isso é uma afronta a essas famílias que aqui vivem", declarou, acrescentando que a região precisa de mais assistência em segurança, educação e saúde.

Jussara Santana concordou e disse ainda, que, em um lugar movido à cultura, o processo de revitalização e valorização deveria ser pensado com a inserção da mão de obra que mais o conhece. "Aqui é o lugar que tem mais artista, das danças às artes plásticas. Gente que já levou essa arte pra fora. E por que continuamos da forma que estamos? Não temos independência financeira e não há um investimento na mão de obra que tem aqui. Nunca acham que aqui tem uma publicitária, um produtor, uns artistas", disse.

“As pessoas não podem viver em sua casa com medo que um oficial de justiça apareça, a qualquer momento, para a retirada. Não dá pra dialogar sem pensar na permanência dos moradores”

### Maura Cristina

Articulação Centro Antigo Salvador

“Não temos independência financeira e não há um investimento na mão de obra que tem aqui. Nunca acham que aqui tem uma publicitária, um produtor, uns artistas”

### Jussara Santana

Associação Cultural Aspiral do Reggae